

*Criação da Faculdade
de Biblioteconomia da UnB
1962-1967*



Fundação Universidade de Brasília

Reitor : Ivan Marques de Toledo Camargo
Vice-Reitora : Sônia Nair Bão

EDITORA



UnB

Diretora : Ana Maria Fernandes

Conselho Editorial : Ana Maria Fernandes – *Pres.*
: Ana Valéria Machado Mendonça
: Eduardo Tadeu Vieira
: Emir José Suaiden
: Fernando Jorge Rodrigues Neves
: Francisco Claudio Sampaio de Menezes
: Marcus Mota
: Peter Bakuzis
: Sylvia Ficher
: Wilson Trajano Filho
: Wivian Weller

Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Biblioteconomia

*Criação da Faculdade
de Biblioteconomia da UnB
1962-1967*

Organizadores:
Maria Alice Guimarães Borges
Marcilio de Brito



Projeto “Memória dos 50 anos da Biblioteconomia na UnB”
Livro: Criação da Faculdade de Biblioteconomia da UnB – 1962-1967

Equipe editorial

Gerente de produção editorial	Marcus Polo Rocha Duarte
Coordenação	Profa. Dra. Maria Alice Guimarães Borges
Membro	Prof. Dr. Marcilio de Brito
Revisão	Rosa dos Anjos Oliveira
	Virginia Astrid de Albuquerque Sá e Santos
Degração	Vera Lúcia Campes da Silva
Produção gráfica	Andherson Reis
Colaboradores	A. C. Moraes de Castro
	Maurício Rondelli
	Cristina Guimarães
	Andhrea Tavares
	Alexandre de Lima Oliveira
	Miguel Ângelo Bueno Portela
Projeto Gráfico	Marcos Hartwich
Diagramação e Arte-final	José Miguel dos Santos

Copyright © 2015 by
Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF
Telefone: (61) 3035-4200
Fax (61) 3035-4230
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta
publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por
qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Criação da Faculdade de Biblioteconomia da UnB : 1962-1967 / organizadores:
Maria Alice Guimarães Borges, Marcilio de Brito. – Brasília : UnB/FCI, 2013.

406 p. : il.

ISBN: 978-85-230-1154-3

1. Biblioteconomia. 2. Universidade de Brasília. I. Borges, Maria Alice
Guimarães. II. Brito, Marcilio de.

CDU 02(817.4)

“Não vivemos num mundo irracional ou destituído de significado. Ao contrário, existe uma lógica moral inerente à vida humana. Devemos encontrar uma forma de discutir o futuro da humanidade de maneira inteligível. A lei moral universal inscrita no coração de homens e mulheres é precisamente a ‘gramática’ necessária para que o mundo possa se engajar na discussão do seu futuro. A política dos países não pode ignorar a dimensão transcendental, espiritual da experiência humana”.

* JOÃO PAULO II, Papa.
Mensagem de sabedoria e paz. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

(JOÃO PAULO II, 2005, p. 54)*

*Participantes da disciplina Seminário em
Biblioteconomia: Encontro de Saberes
2011/2 – 2012/1*

Professores

Prof. Dra. Maria Alice Guimarães Borges (2011/2012)
Prof. Dr. Marcilio de Brito (2012/1)
Prof. Dra. Sofia Galvão Baptista (2011/2)

Monitores

Déborah Lins e Nóbrega
Luiz Henrique Ferreira

Alunos

Allan Wanick Motta
Amanda Salomão Werneck
Bruna Guedes Martins da Silva
Claúdio César de Oliveira Campos
Érika Rayanne Silva de Carvalho
Felipe Pessoa Santos
Fernanda Miranda de Souza
Fernanda Weschenfelder
Flávia Nunes Sarmanho
Janaina Soares Lopes Barbosa
Jaqueline Taketsugu Alves da Silva
Larissa Ferreira dos Angelos
Larissa Herculano
Luana Gomes Dias
Luana Patrícia de Oliveira Porto
Luiza Martins de Santana
Luiza Moreira Camargo
Mariana Bessa Mcdonnell
Mariana Vasconcelos de Castro
Mariana Brandão da Silva
Nádia Galdino Freitas dos Santos
Rebeca Araujo Mendes
Thais da Silva Rodrigues
Thiago Willian Barbosa de Oliveira
Vivianne da Rocha Rodrigues

Secretários

Jaqueline Couto
Reginaldo Olegario das Neves Alves

Sumário

<i>Apresentação</i>	11
<i>Prefácio</i>	15
<i>Introdução</i>	19
Criação da UnB e do Curso de Biblioteconomia	19
por Maria Alice Guimarães Borges	
Parte I – Primeiros Professores	
1 – Abner Lellis Corrêa Vicentini	53
por Murilo Bastos da Cunha	
2 – Antônio Agenor Briquet de Lemos	79
Depoimento	
3 – Astério Tavares Campos	105
por Tarcisio Zandonade	
4 – Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti	125
por Adelaide Ramos e Côrte	
5 – Edson Nery da Fonseca	145
por Luiz Antônio Gonçalves da Silva	
6 – Etelvina Lima	179
por Virginia Astrid Albuquerque de Sá e Santos	
7 – Myriam Mello Dulac	193
Depoimento	
8 – Nice Menezes de Figueiredo	197
por Sueli Angelica do Amaral	
9 – Rubens Borba de Moraes	229
por Suelena Pinto Bandeira	
10 – Washington José de Almeida Moura	251
por Rosa dos Anjos Oliveira	

Parte II – Depoimentos Dos Primeiros Alunos

1	– Gilda Maria Whitaker Verri	261
2	– Maria Lúcia Dália da Costa Lima	269
3	– Angela Maria Cavalcanti Mourão Crespo	273
4	– Anibal Rodrigues Coelho	279
5	– Edna Gondim de Freitas	287
6	– Hérís Medeiros Joffily	291
7	– Lindáurea Daud	295
8	– Maria Alice Guimarães Borges	299
9	– Maria Stella de Andrade Mackay Dubugras	307
10	– Nelma Cavalcanti Bonifácio	311
11	– Neusa Dourado Freire	315
12	– Suelena Costa Braga Coelho	323
13	– Virginia Astrid Albuquerque de Sá e Santos	327

Primeiros Funcionários

1	– Rosa Maria Monteiro Pessina	335
	Depoimento	

Anexo

A	– Ex-alunos formados em Biblioteconomia	343
----------	---	-----



Darcy Ribeiro na cerimônia de inauguração da
Universidade de Brasília (UnB) (21/04/1962).
A partir da esquerda: 2º Hermes Lima (sentado)
3º Darcy Ribeiro (em pé, discursando).



Formatura da 1ª Turma de Biblioteconomia na Câmara dos Deputados (1967). A partir da esquerda: Nelma, Maria Alice, Virginia, Suelena Coelho (de óculos), Aníbal, Edna, Neusa. Ao fundo: Lindaurea, Maria Stella, Angela.



Formandos e professores no almoço de formatura da 1ª turma de Biblioteconomia da UnB (1967).

Parte I
Primeiros Professores



Briquet de Lemos recebendo medalha da professora Sueli Angelica do Amaral na cerimônia de comemoração dos 30 anos do curso de Biblioteconomia na UnB (1995).



2 *Antônio Agenor Briquet de Lemos* *Depoimento*

Cheguei aqui em abril de 1968. Uma das primeiras pessoas que encontrei no prédio da antiga Biblioteca Central, onde ficava a Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica, foi a Maria Alice Guimarães Borges, que estava na sala do diretor da biblioteca, Abner Lellis Corrêa Vicentini. A ideia do professor Edson Nery da Fonseca, que me convidara para lecionar aqui, era que eu começasse o semestre, mas, evidentemente, eu tinha compromissos e emprego no Rio de Janeiro, por isso precisei de algum tempo para me liberar. Então, só cheguei em abril, com o semestre já iniciado.

Não havia muitos alunos na faculdade. Era só o curso de graduação em Biblioteconomia, acredito que fossem uns 40 ou 50 alunos, não mais do que isso. Poucos professores também e fiz aqui uma lista tentando me lembrar dos nomes.

Com a crise em que a Universidade de Brasília (UnB) ingressou, após o golpe militar de 1964, houve uma enorme perda de professores. Isso também atingiu a Faculdade de Biblioteconomia, uma vez que aqui estavam alguns professores, como Etelvina Lima, de Minas Gerais, Gilda Verri, de Pernambuco,

Myriam Dulac, de Brasília, que se afastaram. Havia um curso de pós-graduação na época, que foi interrompido. Enfim, em 1968, a situação estava um pouco crítica, e, talvez por isso, o Edson Nery da Fonseca saiu atrás de professores. Ele me encontrou num congresso de Biblioteconomia, em São Paulo, em 1967, e, mal fomos apresentados, convidou-me para dar aulas aqui. Provavelmente, ele já tinha convidado muita gente e ninguém queria vir. Então, apareceu um sujeito que estava a fim de mudar de vida. E eu vim.

Corpo Docente Primordial

Quanto aos professores, havia aqui o Edson Nery da Fonseca, com muita experiência e já conhecido no Brasil inteiro; o Abner Lellis Corrêa Vicentini, que havia sido bibliotecário do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), em São José dos Campos, e que viera para cá convidado para, exatamente, substituir o Edson na direção da Biblioteca Central, uma vez que este abrisse mão de continuar sendo o diretor da biblioteca. Então, Vicentini também dava aulas, porque, naquela época, o diretor da Biblioteca Central era, necessariamente, do quadro docente da UnB, particularmente da Faculdade de Biblioteconomia.

Fernanda Leite Ribeiro era uma jovem senhora – senhorita ainda, pois era solteira na época –, muito simpática, com uma boa experiência na área, uma vez que tinha trabalhado no antigo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), no Rio de Janeiro, o antecessor do atual Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia (IBICT), e que acabara de chegar do mestrado nos Estados Unidos.

Elsy Guimarães Ferreira Pereira era uma bibliotecária experiente, que tinha vindo do Rio de Janeiro para Brasília acompanhando o marido que era professor do Instituto Central de Artes (ICA) ou da Faculdade de Arquitetura, não me lembro.

Washington José de Almeida Moura, bibliotecário da Câmara dos Deputados e professor aqui em tempo parcial, também muito experiente.

Uma das figuras – vou usar um dos adjetivos da moda – icônicas da área da informação no Brasil, pouco lembrado, mas muito importante, foi o padre Astério Tavares Campos, profundo conhecedor de classificações bibliográficas, principalmente da CDU, que ele tinha traduzido da primeira edição média do alemão para o português. Homem cultíssimo e o primeiro intelectual brasileiro

a estudar as ideias do grande cientista político italiano Norberto Bobbio no livro *O pensamento jurídico de Norberto Bobbio*, publicado em 1966.

Cordélia Robalinho Cavalcanti, bibliotecária da Câmara dos Deputados e professora aqui em tempo parcial, foi diretora do Centro de Documentação e Informação da Câmara.

Outra figura exemplar, que muito honrava a Faculdade, era o professor Rubens Borba de Moraes, o maior bibliófilo que o Brasil já teve, no sentido mais amplo da palavra. Ele não apenas colecionava os livros de maneira muito apropriada, como também fazia desse hábito, desse *hobby*, um estímulo para a produção de obras que se tornaram imprescindíveis para a cultura brasileira, como é o caso da *Bibliografia brasiliana*, da *Bibliografia brasileira do período colonial* e do *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*.

Havia a professora Neusa Dias Macedo, recém-chegada do mestrado nos Estados Unidos, muito simpática e dedicada.

Eu acho que era esse o grupo que estava aqui quando eu cheguei em 1968. Logo em seguida, vieram: Nice Figueiredo, Nilceia Amábília Rossi Gonçalves e Pérola Cardoso Raulino, que foi diretora da biblioteca do Senado e que tinha vindo do Rio de Janeiro, onde trabalhara na Biblioteca do Departamento Administrativo do Serviço Público (Dasp) e também na Biblioteca do IBBD, se não me engano.

O marido da Pérola era arquiteto e acho que tinha vindo para Brasília no começo da sua construção. O que vou contar é até muito curioso. Um dia, estávamos conversando e o Raulino me disse que, no Rio de Janeiro, tinha trabalhado no Dasp, naquela época um órgão muito importante na administração pública federal, que cuidava dos concursos públicos e do treinamento de pessoal, e tinha também a função de normalizar as práticas administrativas dos diversos órgãos públicos, desde suas instalações até os papéis usados – por exemplo, fichas de biblioteca para o empréstimo de livros seguiam o padrão Dasp, estabelecido com base em padrões norte-americanos. E contou-me o Raulino que os móveis da biblioteca onde comecei a trabalhar como *office-boy*, em 1953, a Biblioteca do Hospital dos Servidores do Estado, no Rio de Janeiro – que eram lindos, todos de madeira maciça de alta qualidade – tinham sido desenhados por ele. Digo isso para mostrar como eram pessoas com muita experiência profissional.

¹ Por exemplo, a Instrução Normativa nº 83, de 3 de abril de 1978, do Dasp, tinha “a finalidade de padronizar os papéis para uso no Serviço Público Federal, fixar os símbolos para identificação do formato, estabelecer a uniforme composição dos timbres, indicar o nível de qualidade dos diversos papéis, cartolinas e papelões, e enumerar os ensaios a que devam ser submetidos para efetivo controle quando da aceitação e do recebimento” (COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES OFICIAIS BRASILEIRAS, 1987, p. 105).

Professor e Secretário Executivo

Quando me convidou para vir para a UnB, Edson Nery da Fonseca disse: “Você vai ser professor e secretário executivo da Faculdade...”. Mas, o que é ser secretário executivo da Faculdade, professor Edson? E ele: “Você vai lá e você vai ver”. Evidentemente, depois que cheguei, vi que secretário executivo era exatamente para fazer o que o adjetivo indicava: executar as coisas, ou seja, tocar o barco para a frente. Ele cuidava das ideias gerais, do planejamento, aulas, discussões e muitas coisas, mas, o dia a dia ficou sob a minha responsabilidade.

Na qualidade de secretário executivo, a primeira coisa que resolvi fazer foi ouvir as opiniões de alguns alunos sobre o curso, discretamente. Verifiquei que havia uma percepção comum de que as disciplinas eram ministradas de uma forma um tanto desconchavada: os professores não conversavam entre si, os programas não eram redigidos de comum acordo, e isso gerava certa duplicidade de conteúdos. Então, me prontifiquei a examinar a questão e pedi licença aos professores para assistir às suas aulas. Assisti a várias aulas de todos eles, com exceção das do professor Rubens Borba de Moraes, porque, evidentemente, era impensável eu ir assistir à aula de um professor muito mais velho do que eu. Afinal de contas, Rubens Borba era intocável. Mas assisti às aulas dos outros e sentava ao fundo, ficava observando, anotando e, depois, conversava com eles. Disso resultou uma espécie de discussão em que chamamos a atenção para esses problemas de duplicidade de conteúdo, de falta de sintonia entre aquilo que o programa se propunha a fazer e aquilo que os professores estavam dando dentro de sala de aula, com sugestões etc. Como resultado, foram implantadas algumas mudanças que, na época, foram positivas, visando sempre promover uma maior integração entre os diferentes conteúdos. Tempos depois foi feita uma reforma “formal” nas disciplinas.

Outro detalhe interessante é que, nessa época, os professores eram contratados como professores da Universidade de Brasília, lotados na unidade X. Você não era contratado como professor de Medicina, como professor de Engenharia. Você era contratado como professor da categoria tal, mas não havia concurso público e a seleção se fazia por análise de currículo. A universidade não era uma repartição pública, nós não éramos funcionários públicos – éramos empregados de uma Fundação Universidade de Brasília, com carteira de trabalho assinada, portanto, estávamos sujeitos à Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Somente na década de 80 – acho que depois da nova Constituição – é que mudaram a nossa situação. Então, éramos contratados como professores

para dar aula em determinada unidade. Tínhamos que nos desdobrar para atender às demandas dos alunos, de modo que nos capacitávamos para a função docente por meio da experiência e, praticamente, dávamos qualquer disciplina do programa.

Dar aula de Introdução à Biblioteconomia era, digamos assim, a minha função principal. Edson Nery da Fonseca dava essa disciplina e, diga-se de passagem, foi ele quem a inventou, pois, anteriormente, ela não constava em nenhuma escola brasileira de Biblioteconomia. Quando cheguei fiz modificações no programa, incluí algumas coisas um pouco fora da área de Biblioteconomia com a finalidade de dar-lhe uma certa contextualização sociológica e histórica.

Eu também dava aula de Reprografia, que desapareceu do currículo e, hoje, vocês nem sabem o que é. Talvez saibam que existe um setor de reprografia em algumas bibliotecas, mas, naquela época, a tecnologia da reprodução de documentos – microfilmagem, fotocópia (a Xerox tinha entrado no Brasil em 1967 ou 1968, por aí, depois de 1965) e uma série de outras técnicas utilizadas no século passado – era considerada importante para a formação do bibliotecário e, pelo fato de eu ter um vínculo com o campo das artes gráficas, achei interessante ter ensinado essa disciplina.

Depois, ensinei bibliografia na área das ciências biomédicas e também em outras áreas especializadas, inclusive houve um curso de especialização para o Ministério de Minas e Energias, no qual eu dei bibliografia na área de geociências. Cheguei a lecionar Bibliografia Brasileira uma vez, Classificação CDU, Referência, e uma disciplina da qual eu era mais ou menos o dono – porque eu a tinha criado –, a Análise da Informação, que era o desdobramento da Documentação.

Quando cheguei aqui em 1968, verifiquei que se falava muito de Documentação, como hoje se fala de Ciência da Informação, só que a maioria das pessoas nem sabia o que era Documentação. Eu me lembro de que analisei o programa do curso que era dado pelo professor Vicentini, e, na realidade, nas aulas, ele falava da história da Documentação, da criação da Documentação, dos grandes documentalistas Paul Otlet, Henry La Fontaine, etc., da história da Federação Internacional da Documentação (FID), da documentação no Brasil, do IBBD, isso, aquilo e aquilo outro, mas não entrava no cerne da questão que era o trabalho do documentalista. Houve uma revisão do programa e surgiu uma disciplina chamada Análise da Informação, que abordava o conteúdo informacional dos documentos, da preparação dos substitutos dos documentos, por exemplo, os resumos, a indexação tradicional, a indexação por computador, etc., etc. Ministrei essa disciplina durante muito tempo.

Os alunos precisavam cursar certas disciplinas para se formarem, e aí se fazia um levantamento: quem vai dar isso?, quem vai dar aquilo? Era uma improvisação e, às vezes, nem sempre as pessoas estavam qualificadas, mas era uma maneira de resolver os problemas, e o professor poderia aproveitar essa situação até para estudar, para aprender – uma coisa que não faz mal a ninguém.

Eu trazia uma experiência muito, muito, muito longa na área de informação médica, desde aquele primeiro emprego na biblioteca do Hospital dos Servidores do Estado, quando eu tinha 15 anos de idade – claro, depois estudei Biblioteconomia. De modo que tinha uma facilidade muito grande, tinha um conhecimento muito grande, e, exatamente no ano anterior à minha vinda para cá, eu tinha feito um Curso de biblioteconomia médica na Emory University, em Atlanta, nos Estados Unidos. Também já tinha trabalhado no Centro Pan-Americano de Febre Aftosa, localizado no Rio de Janeiro, um centro de pesquisa da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas).

Não havia ainda uma disciplina de bibliografia especializada em ciências médicas, mas um curso de bibliografia especializada em geral, que era ministrado pela Neusa Dias Macedo. Um dia, logo que eu cheguei, ela falou: “Já que você está sem fazer nada, porque não dá uma aula de informação médica, sobre o *Index Medicus*?”. No dia seguinte, dei a aula e ela ficou espantadíssima porque, ao contrário do que era usual na época – desculpem-me, às vezes, abrir mão da modéstia –, de o professor de bibliografia repetir o conteúdo de uma ficha que ele trazia para sala de aula, eu cheguei sem nada na mão e, simplesmente, durante uma hora, falei sobre uma obra de referência da área de Medicina, que eu conhecia pelo uso e porque tinha estagiado na Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos. Isso cativava realmente as pessoas: alguém que dava uma aula com base no “saber de experiências feito”, como dizia o velho Camões.

Isso era muito importante. Ressalve-se que, não só nesta escola, mas em todas as outras escolas de Biblioteconomia no Brasil, o aluno se forma e começa a trabalhar numa biblioteca; daí a pouco, vai para o mestrado, termina o mestrado, pega o doutorado e... aí, se transforma num especialista em teorias e não um especialista em coisas práticas. Isso está acontecendo com relativa frequência numa profissão cuja natureza é essencialmente prática.

Então, a graduação começou a entrar em crise, porque o Departamento recebia cada vez mais alunos e era muito difícil recrutar professores.

Lecionei de 1968 a 1979, com uma interrupção de um ano e seis meses, quando fui para a Inglaterra.

Pós-Graduação em Biblioteconomia na UnB

No final da década de 60, acentuava-se o interesse do governo em instituir a pós-graduação e as universidades em geral começaram a se preocupar com o recrutamento de pessoal que tivesse um mínimo de qualificação.

De certa forma, no caso da Faculdade de Biblioteconomia da UnB, isso teve início antes, quando Fernanda Leite Ribeiro, Neusa Dias Macedo, João Laurentino de Sousa, Simone Gallo e Antonio Querido foram fazer mestrado nos Estados Unidos com bolsa da Fundação Ford. O Simone Gallo, depois, se casou com a Fernanda Leite Ribeiro. O Antonio Querido nunca retornou ao Brasil. Essa dotação da Fundação Ford permitiu ainda o pagamento de assinaturas de periódicos, a compra de livros e a construção deste prédio.

O fato é que, em 1975, com a titulação necessária para iniciarmos o curso de mestrado só tínhamos o padre Astério, que era doutor, e o Rubens Borba de Moraes, que era um caso especial por ter-se licenciado em Letras pela Universidade de Genebra, na Suíça. E só. Que eu me lembre, nessa época, a única doutora em Biblioteconomia no Brasil era uma professora do Paraná com doutorado nos Estados Unidos. Conseguimos recrutar uma professora com mestrado nos Estados Unidos, oriunda de Belo Horizonte, a Maria Madalena Bastos, uma jovem muito simpática, mas inexperiente, pois passara por aquele processo que comentei há pouco: formou-se e, logo em seguida, foi fazer o mestrado. Ficou aqui algum tempo, mas depois foi morar nos Estados Unidos. Havia, realmente, uma falta muito grande de pessoal e a UnB começou a pressionar os departamentos para que instituíssem cursos de mestrado.

Em 1975, no começo do ano em que houve o famoso 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, em Brasília, esteve aqui o professor inglês Peter Havard-Williams, que tinha sido contratado pela Capes para, como consultor, elaborar um programa de pós-graduação em Biblioteconomia no Brasil. Havard-Williams, muito simpático, muito competente, era chefe do Department of Library and Information Studies, da Loughborough University, muito conhecido na Europa, ligado à FID e principalmente à Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias (Ifla). Ele visitou Brasília, Minas Gerais e São Paulo, e fez um bom relatório, com recomendações. Também escreveu um artigo (HAVARD-WILLIAMS¹⁹⁷⁵) a respeito da biblioteconomia no Brasil, bem duro, bem cáustico, bem crítico, intitulado “S.E.O.: a Biblioteconomia no Brasil” – S.E.O. significa “salvo erro ou omissão”. Eis o resumo do artigo:

O status dos bibliotecários é baixo, apesar de a profissão ser regulamentada por lei. A Biblioteconomia é uma profissão predominantemente feminina e os salários são reduzidos, embora venham melhorando, tanto quanto vem aumentando o ingresso de homens em bibliotecas e centros de documentação. A Documentação goza de mais prestígio do que a Biblioteconomia e as bibliotecas mais eficientes são normalmente as que desenvolvem atividades de documentação. Essas bibliotecas, em geral, são as melhores, seguidas pelas bibliotecas universitárias e públicas. A fim de melhorar o status e a eficácia da profissão como fator essencial na vida social e econômica da nação e de preparar professores capacitados é preciso que se estabeleçam cursos de pós-graduação. Uma associação nacional é necessária para influir junto ao Governo no que diz respeito à implantação e melhoramento dos serviços bibliotecários e de documentação. Todos os bibliotecários devem apoiar a implantação de um serviço nacional de bibliotecas que seja forte e tenha amplas atribuições (HAVARD-WILLIAMS, 1975, p. 3).

Começamos, então, a montar o curso de mestrado. A UnB contratou a professora Nice Figueiredo, que havia trabalhado aqui, como chefe da seção de periódicos da Biblioteca Central, até 1968. Exatamente quando nós chegamos, ela estava deixando a UnB e foi substituída por minha mulher, Maria Lúcia Vilar de Lemos, que é bibliotecária como eu e tinha sido convidada pelo Edson Nery da Fonseca para vir junto comigo. Nós fomos os dois contratados: eu, professor, e ela, bibliotecária, para dirigir a seção de periódicos da Biblioteca Central. Nice Figueiredo saiu porque queria retornar ao seu emprego na hoje Unesp, em Araraquara, e fazer o mestrado nos Estados Unidos, onde também fez o doutorado. Para que ela pudesse conseguir a bolsa de estudos para o doutorado, o Departamento forneceu-lhe uma declaração em que afirmava que ela, Nice Menezes de Figueiredo, seria contratada pela UnB assim que terminasse o doutorado, etc. Enfim, fez-se um arranjo que permitiu que ela atendesse a essa exigência burocrática da Organização dos Estados Americanos, que financiou o seu doutorado na Universidade da Flórida. Enquanto isso, fazíamos os encaminhamentos para a montagem do curso, que seria finalizada em 1978.

Foi então que o Conselho Britânico ofereceu um programa de bolsas de estudos para professores de Biblioteconomia irem se capacitar na Inglaterra. Candidatei-me a uma dessas bolsas, fiz os exames de inglês lá no Conselho, e a Universidade me concedeu a licença.

Nessa época, a Universidade era dirigida de uma forma extremamente autoritária e tomou algumas decisões muito estranhas. Quando saí para estudar em Londres no final de 1976, tive a minha situação de professor alterada: era professor em tempo integral e dedicação exclusiva, e perdi o meu salário integral – passei a receber só a metade do que ganhava. A alegação do reitor na época, o capitão de mar e guerra José Carlos Azevedo, era de que se eu ia receber uma bolsa do Conselho Britânico, então porque precisaria de todo

aquele dinheiro? Eu poderia viver com a bolsa e o meu cargo ficaria garantido quando eu voltasse.

Evidentemente eu não estava em condições de brigar, e quase não fui para a Inglaterra por razões de ordem política, porque a Divisão de Segurança e Informações, uma filial do Sistema Nacional de Informações (SNI) que havia dentro da UnB, não me dava licença para eu me ausentar do Brasil. Eu tive que recorrer a muita gente para conseguir convencer as autoridades da área de segurança do Ministério da Educação de que eu não era tão perigoso como me pintavam. Na hora H, graças à intervenção do então vice-reitor, o Marco Antonio Rodrigues Dias, que era da área de Comunicação e tinha boas relações com o Ministério da Educação, me liberaram. Esses detalhes são para mostrar que as coisas neste país não são tão “lisas” como poderiam ser.

Fui para Loughborough, uma cidadezinha perto de Leicester, e fiquei na Inglaterra do final de 1976 até junho de 1978. A Universidade de Loughborough era muito avançada na área de Biblioteconomia e Informação e, inicialmente, Havard-Willians me convidara para fazer o doutorado, mas, quando eu cheguei lá, ele não conseguiu do Conselho Diretor da Faculdade a autorização para que eu ingressasse diretamente no doutorado. Mais tarde, vim a descobrir que em todos os setores, em todas as universidades, em todos os lugares onde se juntam acadêmicos não há consenso com muita facilidade, mas uma guerra de ciúmes, de vaidades... Havia um grupo novo, e um grupo antigo, do Technical College com um Curso de Biblioteconomia, que não era considerado de nível superior, mas que estava numa fase de transição. Na hora em que estava em votação a proposta do Havard-William para que eu pudesse entrar direto no doutorado, a “turminha da antiga”, que tinha raiva dele, não aceitou. Ele me chamou e falou qual era a situação. Então eu fiz o mestrado e apresentei uma dissertação em que analisei a visão que os estrangeiros tinham da Biblioteconomia dos países subdesenvolvidos, coletando opiniões completamente estapafúrdias de pessoas consideradas competentes, mas que revelavam preconceitos em suas análises, repetição de estereótipos, etc.

Quando terminei o mestrado, me matriculei no doutorado por pesquisa, em que eu tinha que passar seis meses lá, voltava para o Brasil, fazia a tese e estava tudo resolvido. Fiquei uma temporada em Londres, completei meu tempo e voltei para o Brasil. Cheguei aqui em 1978 e fui reintegrado ao Departamento.

Em 1970, o IBBB já tinha criado o seu curso de mestrado em Ciência da Informação – ele começou com esse pecado no Brasil –, em convênio com a

Universidade Federal do Rio de Janeiro, e que foi o primeiro curso realmente a formar mestres na área. O mestrado em Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais foi criado de 1976; depois veio o da Pontifícia Universidade Católica de Campinas em 1977 (MUELLER, 1985), e Brasília, que era considerada uma boa escola, também sofria pressão para criar o seu.

Estando o mestrado aqui em processo de implantação, veio outro consultor. Agora um norte-americano, Jack Belzer, um ilustre professor, um homem muito experiente, da Universidade de Illinois. Ele fez um bom relatório e nos ajudou bastante. Conversando comigo, quis saber sobre a minha dissertação e achou-a interessantíssima. Perguntou-me se eu autorizava que fosse publicada e eu disse que sim, claro. Ele enviou o texto para a Universidade de Illinois; lá, passou por alguns cortes e, em 1981, foi editado um folhetozinho, numa série de documentos ocasionais.

Contamos também com a ajuda dos professores ingleses Max Broome e Stephen Parker, dois bibliotecários muito experientes, que deram um Curso de Planejamento de Bibliotecas. A coisa começou a deslanchar, a ganhar impulso. O mestrado era feito em colaboração com outras unidades da universidade, como o Departamento de Psicologia e a Faculdade de Educação.

Implantação do Centro de Documentação do Ministério da Saúde

E aí, um belo dia, em 1979, estava trabalhando na minha proposta de tese de doutorado, quando recebi um convite para organizar o Centro de Documentação do Ministério da Saúde, em Brasília. Eu pensei, pensei e pensei. Realmente estava impensado entre a questão do doutorado e a possibilidade de fazer uma coisa com que eu sempre sonhara: montar um centro, uma unidade de informação na área que eu dominava, em que me sentia muito a vontade. O pessoal do Ministério da Saúde já me conhecia, porque eu tinha dado umas aulas sobre pesquisa bibliográfica em cursos de especialização para sanitaristas. Recebi essa proposta e aceitei, mas supondo que não seria liberado pela universidade. O Azevedo não ia com a minha cara e negaria a licença que o Ministério da Saúde estava pedindo. Eu era mal visto pelas autoridades da segurança e já tinha deixado o Azevedo muito aborrecido ao passar por cima da autoridade dele e ter conseguido viajar para a Inglaterra. Agora, ser requisitado pelo Ministério da Saúde para dirigir o Centro de Documentação numa condição

muito boa – era um cargo de Direção e Assessoramento Superior (DAS), com direito a carro e motorista, pois naquela época havia essas mordomias, etc. “O Azevedo não vai me liberar” – pensei. Resolvi aceitar para não frustrar o pessoal do Ministério, acreditando que o Azevedo daria vazão ao seu espírito vingativo e ficaríamos todos felizes, e eu não deixaria de fazer meu doutorado. Estava eu aqui, tranquilamente, quando, um belo dia, chegou a cópia de um ofício encaminhada para o padre Astério Campos, o chefe do Departamento, e, nesse ofício, o reitor Azevedo comunicava ao ministro da Saúde que eu estava liberado para assumir lá no Ministério. Eu caí das nuvens e disse: “Isso é um absurdo, mas, já que aconteceu, eu vou”.

E fui na expectativa de preparar a coisa e voltar para cá, mas, evidentemente, isso não aconteceu. O Ministério era uma estrutura muito complicada, havia mil proibições de contratação de pessoal, mas eu consegui montar o Centro de Documentação, que funcionou muito bem. Porém, acabei ficando muito mais tempo do que o razoável. E, nesse período, quebrei o processo de participação mais ativa nas atividades do Departamento que acompanhava à distância. Então, um dia, eu disse para o secretário executivo do Ministério da Saúde, o doutor Mozart de Abreu e Lima: “Eu não posso continuar aqui, tenho compromissos com a Universidade de Brasília. Não dá mais!”. Eles ficaram com muita pena, mas me liberaram. Ah, nesse meio tempo é bom lembrar que, por duas vezes, o reitor exigiu a minha volta – acho que se arrependeu de ter-me liberado. Ele pediu uma audiência com o ministro da Saúde, foi lá exigir o meu retorno, e, aí, o ministro, que era uma figura ótima, o Waldir Mendes Arcoverde, um bonachão piauiense com passagem pelo Rio Grande do Sul, que juntava as qualidades dos dois estados, disse-lhe: “Tá legal, reitor. O Briquet volta para a Universidade, mas aqui está a lista de funcionários do Ministério da Saúde cedidos para a Universidade de Brasília há alguns anos. Então, se você os devolver para mim, eu devolvo o Briquet para você”.

Fiquei no Ministério da Saúde de 1979 até 1984 e, quando voltei para cá, retomei as aulas, inclusive no mestrado.

Aí, aconteceu outro problema: fui convidado para dirigir o IBICT. Aceitei, porque era outro desafio interessante. Fiquei lá por um mandato de quatro anos, de 1985 a 1989.

Finalmente, Editor

Estava tudo bem, quando, logo que voltei do IBICT, o reitor Antônio Ibañez, me convidou para dirigir a Editora Universidade de Brasília, cargo que ocupei até 1992, quando me aposentei.

Alguém perguntou se a experiência de dirigir a Editora Universidade de Brasília me incentivou, de certa forma, a criar minha editora. Sim e não. É algo muito pessoal. Sou filho de um tipógrafo. Meu pai teve jornais no Piauí. Nasci dentro da tipografia e, na minha alfabetização, eu não fazia letras no papel; eu fazia composição com tipos soltos, de chumbo. Quando fui para a escola primária, eu já sabia ler e escrever com os tipos. O meu pai fazia letras de cartolina para mim e eu ia aprendendo. Então, o vírus da tipografia, da coisa do livro, do impresso, do papel, estava em mim há muito tempo.

Antes de vir para Brasília, meados da década de 60, lá no Rio de Janeiro, eu já acompanhava essa história da carência de livros na área de Biblioteconomia. Quando estudante, senti essa dificuldade, porque a gente só encontrava textos em francês e espanhol, pouca coisa em português. E um dia eu pensei: vou fazer livros de Biblioteconomia. Um irmão meu, já falecido, tinha uma pequena gráfica especializada em impressos em alto-relevo, que é uma coisa artesanal, muito bonita, ele fazia cartões de visita, convites de casamento, etc. Aproveitei o fato de que ele tinha uma empresa e disse: “Eu quero fazer uma editora, você me empresta aí a razão social e o endereço da gráfica?”. Ficava ali perto da Lapa e eu abri uma editora chamada Pérgamo, o nome já era sugestivo. Entrei em contato com a Unesco – eu era muito desafortado –, e obtive a cessão de direitos para o português de um livro que estava fazendo muito sucesso, *A revolução do livro*, de Robert Escarpit, um importante sociólogo francês, especialista em Sociologia da Leitura. Comecei a traduzir o livro do francês, porém eu trabalhava oito horas por dia, lá depois de Duque de Caxias, no Estado do Rio de Janeiro, onde ficava o Centro Pan-Americano de Febre Aftosa e, de tarde, depois que chegava em casa, tinha sempre algum outro bico, pegava revisão de livros para complementar o salário e, com essa coisa toda, o tempo foi passando. Um belo dia, a Unesco disse que não podia esperar mais e eu devolvi os direitos do livro, que foi publicado pela Fundação Getúlio Vargas, em 1976.

Quando vim para Brasília dar aula, era uma tristeza a falta de textos decentes em português que pudessem ser recomendados para os alunos. Então, a gente traduzia. Lembro-me de ter traduzido um capítulo do Jesse Shera sobre bibliotecas, que ele havia publicado na *International Encyclopaedia of the Social*

Sciences. O padre Astério também traduzia alguma coisa e a gente ia montando material para dar aula.

Em determinado momento, conversando com o Edson Nery da Fonseca, que também sentia isso, pensamos em convencer a Editora Universidade de Brasília a publicar obras da área de Biblioteconomia. Parênteses: um pouco antes, o Edson já tinha conseguido da Universidade de Brasília, por meio da Editora, o lançamento de vários livros de Biblioteconomia: o de Allan Kent (1972), um clássico lá nos Estados Unidos; o da Cordélia Robalinho Cavalcanti (1970); o de Jesse Shera e Margareth Egan (1969), desse, eu até peguei o finzinho da revisão. Então já havia esse esforço aqui por parte do Edson.

Quando cheguei, o Edson sugeriu meu nome à editora Polígono, de São Paulo, para traduzir o livro: *Serviço de informação em bibliotecas*, do Douglas Foskett (1969).¹ Para a mesma editora traduzi ainda: *Abordagem temática da informação*, do Anthony Foskett (1973), e Índices e indexação, do Robert Collison (1971). Então, era um esforço do Departamento para colocar textos relevantes no mercado.

Essa experiência na Editora Universidade de Brasília foi importante, mas eu já tinha conhecimento prévio do campo editorial, por ter feito revisão de livros para a Civilização Brasileira, a Lux, a Editorial Vitória, a Tecnoprint, que depois virou a Ediouro, livrinhos de *cowboy*, o que aparecia. Naquela época, havia uma característica muito interessante: você não tinha computador. O revisor recebia as provas tipográficas e os originais, que vinham marcados pelo projetista gráfico – o projeto gráfico era definido por meio de marcações feitas nas margens dos originais: corpo tal, negrito, grifo, versal, versalete, tamanho de margem, tipo de fonte –, todos aqueles elementos que você precisa dominar para produzir um livro. Em geral, essas editoras tinham bons projetistas e a gente passava a ver a coisa na prática. Essa experiência com as editoras foi muito útil.

Quando trabalhei no Centro Pan-Americano de Febre Aftosa, foi por meio de seleção anunciada no *Jornal do Brasil*. Fiz uma prova e fui selecionado para o cargo de *librarian editor* – editor no sentido inglês da palavra –, não um publicador (*publisher*), mas aquele que trabalha com os textos visando a prepará-los para publicação, então, era bibliotecário/editor, ou seja, eu cuidava da bibliotéquinha e também de uma publicação mensal de resumos. Havia duas publicações que eu fundi numa só e passou a se chamar *Cuadernos del Centro Panamericano de Fiebre Aftosa*. Tive de comprovar competência e proficiência na língua espanhola, porque eu teria de redigir os resumos em espanhol e fazer publicações também.

Esse cargo me levou a ter contato com gráficas e a aprender a usar equipamentos de composição e impressão. A Organização Pan-Americana da Saúde, simplesmente um dia, resolveu que tínhamos de modernizar o nosso trabalho e lá desembarcou uma máquina chamada Varsityper, que era uma máquina de escrever especial, equipamento de fazer fotocópia, impressora *offset* e respectivos manuais. Pensei: “Quem vai trabalhar com isso?”. Na biblioteca, éramos eu e um auxiliar datilógrafo, semialfabetizado, então eu resolvi aprender a usar aquela máquina. A Varsityper, na realidade, era uma máquina de escrever que tinha recursos de mudança de fonte. Muito antes da IBM Selectric, na qual você trocava as esferas – ninguém sabe do que eu estou falando [*risos*] –, havia um novo tipo de máquina em que você tinha as fontes em pequenos hemisférios de aço e que você trocava. Um problema seriíssimo! Primeiro, você tinha que datilografar o texto em uma máquina comum e marcar no final da linha a quantidade de espaços em branco que sobravam; e, depois, na máquina Varsityper, você tinha que colocar uma alavanca em uma posição... enfim, era uma zorra! Aprendi a usar a máquina, passei para o funcionário essa informação e ele me ajudava a preparar os *Cuadernos*. As outras publicações mais complexas, nós imprimíamos na gráfica do IBGE, em Parada de Lucas. Tudo isso era conhecimento que eu estava adquirindo a respeito de tipografia, de fontes e tipos, de como usar o papel, a cor...

Os dois anos na Editora Universidade de Brasília foram importantes, nem tanto pela parte técnica, mas pela parte comercial: como funcionava a definição de preço, a margem da comercialização, a distribuição – todos os “pepinos” que existem nessa área!

Aí, me aposentei. Não porque que eu tivesse querido realmente me aposentar, mas porque estávamos na era do famigerado Collor, que ameaçava cortar todas as possibilidades que, na época, existiam de um indivíduo se aposentar na mesma situação em que ele se encontrava no exercício do cargo, ou seja, ameaçava-nos com a redução de salário.

Aposentado, eu ia fazer o quê? Tentei não fazer nada nos primeiros meses. Foi ótimo! Eu me sentia tão livre, era tão bom... Por exemplo, um dia eu estava em casa e recebi um telefonema de um amigo, que tinha sido meu aluno na Universidad Autónoma de San Luis Potosí, no México, num cursinho em que participei como professor, o Álvaro Quijano. Ele me disse que a Feira Internacional de Guadalajara começaria no dia seguinte e que uma convidada do Brasil avisou de última hora que não poderia ir. Perguntei quem era essa pessoa e ele me chamou para ir no lugar da doutora Célia Ribeiro Zaher. Respondi: “Claro! Álvaro, eu estou aposentado e nem preciso pedir licença para

me ausentar do país. É só você mandar a passagem”. No dia seguinte embarquei. Depois, apareceram consultorias em Moçambique e no Canadá.

Comecei a achar que estava muito moço para não fazer nada e, aí, me ocorreu de retomar aquela velha história da editora Pérgamo, lá do Rio de Janeiro. Eu e Lúcia criamos, em 1993, uma editora de livros de Biblioteconomia e Ciência da Informação. E... o que lançar? Por coincidência, eu passei pelo Departamento – já não trabalhava mais aqui –, e em cima de uma mesa estava o anúncio de um livro do Lancaster, *Indexing and abstracting in theory and practice*. Entrei em contato com ele imediatamente. Eu o conheci em 1967, quando fiz aquele curso lá nos Estados Unidos e, durante o meu estágio na National Library of Medicine, o Lancaster me foi apresentado rapidamente, porque, na época, ele fazia uma das primeiras grandes avaliações do sistema de informação Medlars/Medline,² e ele era a grande figura nessa área. Escrevi para ele pedindo autorização para traduzir o livro e ele disse não teria problema, que isso custaria uns dois mil dólares. Fizemos um contrato, paguei o valor estipulado e traduzi o livro, que tinha aquela característica que procurei seguir depois: um conteúdo prático, destinado aos profissionais. O livro foi lançado em 1993 e vendeu bem. Em 2004 saiu uma segunda edição, atualizada.

Eu acreditava que a coisa ia pegar e que poderia resolver o sério problema de os professores de Biblioteconomia brasileiros não terem onde publicar, pois eu supunha que haveria muitos títulos interessantes à espera de uma linha de publicação de qualidade nessa área. Isso não aconteceu, porque uma das dificuldades que venho enfrentando até hoje é exatamente encontrar textos para um tipo de publicação chamada de manual. As pessoas nem sabem o que quer dizer manual e chegam dizendo: “Tenho aqui a minha tese, posso publicar?”. E eu respondo: “Não, tese não dá para publicar. Se for para publicar, tem que ser sob outro foco”. E isso tem sido uma constante, mas o fato é que a editora deu certo, apesar dos pesares, em grande parte por causa dessa experiência que eu tinha, ou seja, resolvi, vamos falar de maneira pedante, devolver à sociedade o que a sociedade tinha me proporcionado ao longo dos anos.

Tudo o que aprendi no decorrer da vida permitiu que eu mantivesse a editora com apenas duas pessoas: cuido de tudo aquilo que é mais técnico e a Lúcia fica com a parte da revisão de textos. Se não fosse assim, não daria certo, porque eu teria que pagar salários ou terceirizar etapas da produção. No começo, eu mesmo fazia as capas, mas chegou uma hora em que passei a trabalhar com duas *designers* profissionais, a Priscila Campos da Paz e a Cristina Gomide. Aprendi a usar os programas de computador sozinho e os primeiros livros foram feitos usando o processador de textos WordPerfect. Eu dava conta do recado,

² Medlars/Medline: o termo Medlars provém de Medical Literature Analysis and Retrieval System (Sistema de Análise e Recuperação da Literatura Médica), criado em 1964 e que evoluiu para um sistema *online* em 1971, denominado Medline (Medlars Online). Como outras bases de dados *online* foram desenvolvidas, Medlars tornou-se o nome para todo o sistema de informações da National Library of Medicine (NLM), enquanto Medline é o nome da principal base de dados.

mas, a partir de determinado momento, a própria tecnologia de impressão foi evoluindo e passei para um programa especializado de editoração eletrônica, o Page Maker. Comprei esse programa – foi caro –, tinha um manual e eu aprendi a usá-lo à minha maneira. O Page Maker começou a dar problemas e a empresa que o produzia, a Adobe, o substituiu pelo InDesign e, no ano passado, eu não tive jeito a não ser comprar o novo programa, e, de novo, reaprender tudo aquilo. Outro detalhe importante é que eu tenho um razoável conhecimento de línguas estrangeiras e posso perfeitamente traduzir do inglês, do espanhol, do francês e até do italiano, portanto, se computasse também o valor da tradução, o livro custaria mais caro. E o consumidor nem está sabendo disso.

Essa história da editora está muito ligada a um projeto de vida que me agrada e satisfaz. O ideal seria que as editoras comerciais viessem a se interessar mais pela área da Biblioteconomia. A Polígono se interessou uma época, mas essa editora fechou. Quanto aos órgãos públicos, por exemplo, quando eu fui diretor do IBICT, tentei fazer alguma coisa, mas não foi fácil. Não foi fácil por uma razão muito simples: falta de dinheiro. Embora as publicações sejam rentáveis, o dinheiro não fica lá: o dinheiro vai para o Tesouro Nacional, porque órgão público não pode ter editora.

Há uns três meses, fui a Belém do Pará para dar uma aula sobre exatamente indústria editorial, e um rapaz da editora de uma universidade me perguntou: “O que o senhor acha da editora universitária brasileira?”. Respondi: “Acho uma besteira, nem devia existir. Não porque seja de má qualidade, mas porque enfrenta tantos problemas burocráticos que acaba sendo um desastre”. Isso eu vi na Editora da Universidade de Brasília: não está na vocação da administração pública brasileira lidar com essa história de compra e venda de serviços. Por exemplo, para comprar alguma coisa, há uma lei de licitação que, para evitar fraude, suborno, etc., é cheia de tantas exigências que todo mundo desiste de comprar – vou comprar um lápis, é um problema! E na hora da venda?

Vou dar um exemplo. Eu tenho uma livraria também e compro os livros da Editora da Universidade de São Paulo, a Edusp, que é famosa, etc. Quando chega a caixa de livros, vem junto com ela uma espécie de “processo administrativo”, uma cópia de um dossiê que contém o estatuto da Universidade de São Paulo, uma lei do Estado de São Paulo, e isso, aquilo e aquilo outro, para provar que a Edusp está isenta da emissão de nota fiscal; caso contrário, ao passar num posto fiscal, a mercadoria ficaria retida. E para eu dar entrada na contabilidade da firma, também é um problema, porque tenho de fazê-lo sem um documento fiscal reconhecido... Então, que diabo? Como é que você vai lidar com livrarias particulares? É muito difícil. É muito complicado. A editora

universitária deveria ser uma empresa subordinada à universidade, mas com autonomia financeira, contábil, etc.

Outra coisa que afeta as editoras universitárias são as greves. Quando cheguei na Editora Universidade de Brasília, encontrei um livro praticamente pronto e, por algum motivo burocrático que eu não sei até hoje qual foi, não se mandava imprimir. Era a biografia do Noel Rosa, um livro pronto, composto, bonito, com ilustrações, até a capa estava pronta – só faltava imprimir. Enfim, resolvemos os problemas e imprimimos o livro, a melhor biografia do Noel Rosa, escrita por João Máximo e Carlos Didier, espetacular! Era perto do Natal e, aí, os funcionários entraram em greve. As livrarias do Rio de Janeiro ligavam para mim perguntando sobre o livro, porque tinha saído notícia nos jornais: “É Natal. Cadê o livro? Está todo mundo procurando...”. E eu disse: “Amigo, nós estamos em greve...”. Vocês nem imaginam as descomposturas que eu tive de ouvir dos livreiros: “Vocês são uns irresponsáveis!”. Enquanto isso, os funcionários ali, ao lado da minha sala, ao ar livre, fazendo churrasco, tocando aquela música fuleira, e eu, lá, de braços amarrados.

E a situação piorou a ponto de a burocracia da UnB começar a exigir que fosse feita licitação para a escolha de tradutor. Então, eu tenho um livro de Biblioteconomia para traduzir e sou obrigado a fazer uma licitação para saber quem me oferece o menor preço? Não dá. Não dá. Eu me lembro de, na década de 1970, quando ainda éramos Fundação, ter sugerido à Universidade de Brasília – porque sempre me interessei pela área de tradução, eu gosto do tema, da parte teórica –, que publicasse um livro chamado *La traduction scientifique et technique*, de Jean Maillot (1975), cuja tradução apresentava-se muito complexa, porque, embora o texto básico fosse em francês, o autor exemplificava com muitos casos de outras línguas, como o inglês, o alemão e até o russo – e isso não era para qualquer um. Então, alguém da Editora me perguntou: “E quem pode traduzir esse livro?”. Eu sugeri o Paulo Rónai, húngaro, mas que dominava o português muito bem e era considerado um dos melhores tradutores do Brasil. Eles entraram em contato com esse tradutor, que aceitou o trabalho pelo preço X. Era um preço alto. E, novamente, alguém da Editora me procurou para comentar sobre o preço, mas eu disse: “Se ele aceitou fazer e está cobrando isso, pois manda fazer. Afinal o Paulo Rónai é o Paulo Rónai!”. Saiu uma boa tradução, mas, hoje em dia, teria de se fazer uma licitação. É muito difícil.

Havia ainda outra preocupação no campo editorial e da qual ainda não falei. Não tínhamos revistas de Biblioteconomia decentes. Em 1972 tinham surgido duas revistas: a *Ciência da Informação*, do IBICT, que é um órgão

público, e a *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, da Universidade Federal de Minas Gerais, que, em 1996, mudou o nome para *Perspectivas em Ciência da Informação*.

Em Brasília, nós publicávamos artigos no *Correio Braziliense*, pois o Edson Nery da Fonseca tinha muito boas relações com o responsável pelo Caderno Cultural desse jornal, que era o Hugo Auler e solicitava o envio de artigos: o Edson escreveu sobre Gilberto Freyre, o Rubens Borba de Moraes sobre a Semana de Arte Moderna, eu publiquei um artigo sobre a história do periódico científico, outro sobre as tendências do ensino da Biblioteconomia. O Murilo Bastos da Cunha, da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF), pegava esses textos, xerografava e colocava no *Boletim da ABDF*.

Havia uma produção local de relativa importância e, então, apresentei uma proposta para a ABDF de fazermos a *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, que começou a circular em 1973. Para a revista dar certo, ela não poderia sair só pela ABDF; por isso, consegui que o reitor Caio Benjamin Dias autorizasse, por escrito, que o Departamento de Biblioteconomia apoiasse a edição da revista, ou seja, isso implicava que eu, como professor, estava autorizado a colaborar com ela. E por que isso? Porque havia uma política muito rígida em relação à edição de revistas pela UnB.

Nos primeiros anos, a *Revista de Biblioteconomia de Brasília* foi impressa pela gráfica do Senado Federal, que cobrava o preço de custo, eu aparecia como redator chefe, e o diretor era o presidente da ABDF, o Aníbal Rodrigues Coelho, mas, praticamente quem fazia a revista era eu: selecionava os artigos, fazia a revisão, preparava tudo. Era uma revista razoável para os padrões da época. Quando estive na Inglaterra, em 1977, fui visitar uma das melhores escolas de biblioteconomia do mundo, o College of Librarianship Wales, que tinha forte influência internacional, e, ao entrar na biblioteca, estava lá, na prateleira, exposta, a nossa revista!

No Ministério da Saúde eu já tinha feito uma revista chamada *Saúde no Brasil*, para o público em geral, ou seja, não era uma revista médica, não era uma revista especializada, era uma revista que falava de questões de saúde de uma maneira mais acessível. Consegui fazer quatro números, mas, depois que voltei para a UnB, o Ministério não teve fôlego ou não quis continuar com a revista.

Agradeço à professora Maria Alice Guimarães Borges o convite para vir contar-lhes essas histórias. Algumas distantes, outras mais próximas, porém

todas marcadas pelo interesse em facilitar, naquilo que me coube, o acesso ao conhecimento.

Obrigado a vocês pela paciência.

Referências

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES OFICIAIS BRASILEIRAS. Editoração de publicações oficiais. Brasília: ABDF, 1987.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Catálogo simplificado*. Brasília: Universidade de Brasília, 1970. 161 p. (Biblioteconomia e documentação, 2).

HAVARD-WILLIAMS, P. S.E.O.: a Biblioteconomia no Brasil. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*. Brasília, v. 3, n. 1, p. 3-15, jan./jun. 1975.

KENT, Allen. *Manual da recuperação mecânica da informação*. Brasília: UnB, 1972. 427 p.

MAILLOT, Jean. *A tradução científica e técnica*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1975. 196 p.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. *Ciência da Informação*, v. 14, n. 1, p. 3-15, jan./jun. 1985.

SHERA, Jesse; EGAN, Margaret. *Catálogo sistemático: princípios básicos e utilização*. Brasília: Ed. UnB, 1969.

Anexo 1

Bibliografia de Antonio Agenor Briquet de Lemos

(ordem cronológica)³

LEMOS, Antonio A. Briquet de. *The portrait of librarianship in developing societies as sketched by the foreign observer*. 1977. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Loughborough University of Technology, Loughborough, 1977.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Presente e futuro do periódico científico. *Correio Braziliense*, Brasília, v. 42, n. 13, jul. 1968. Caderno Cultural.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Adaptação dos profissionais da informação científica à realidade brasileira. *IBBD Notícias*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 239-

³ Levantamento realizado por Fernanda Miranda, Larissa F. Angelos e Luíza Moreira Camargo, alunas do curso de Bacharelado em Biblioteconomia da UnB.

244, jul./set. 1970. [Reproduzido em: *Correio Braziliense*, Brasília, v. 149, n. 2, set. 1970. Caderno Cultural, sob o título “Informação científica e realidade brasileira”].

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Vacilações e tendências do ensino da Biblioteconomia. *Correio Braziliense*, Brasília, v. 172, n. 3, mar. 1971. Caderno Cultural.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. A Biblioteca Regional de Medicina e seu papel no desenvolvimento da comunicação biomédica na América Latina. *Ars Curandi*, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 156-161, jul. 1972. [Reproduzido em: *Correio Braziliense*, Brasília, v. 215, n. 2, mar. 1972. Caderno Cultural].

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Levantamento das funções exercidas pelo bibliotecário. *Boletim da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal*, Brasília, p. 18-23, set./out. 1972.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Estado atual do ensino da biblioteconomia no Brasil e a questão da ciência da informação. In: SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO SOBRE PREPARAÇÃO DE CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO, 1., 1972, México. *Anais...* Rio de Janeiro: IBBD, 1972. p. 11-37. (Publicação especial da FID/CLA, n. 16). [Reproduzido em: *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 1, n. 1, p. 51-58, jan./jun. 1973].

LEMOS, Antonio A. Briquet de. O livro no futuro e as perspectivas da tecnologia gráfica. *Educação*, Brasília, v. 3, n. 10, p. 84-90, out./dez. 1973.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. *Catálogo das publicações do Instituto Nacional do Livro 1939/1973*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1974. 175 p.

LEMOS, Antonio A. Briquet de; MACEDO, Vera Amália Amarante. A posição da biblioteca na organização operacional da universidade. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 2, n. 2, p. 167-174, jul./dez. 1974. [Reproduzido em: *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 40-51, mar. 1975].

LEMOS, Antonio A. Briquet de. *Cerrado*: bibliografia analítica. Brasília: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, 1976. 361 p. [Segunda edição: 1980].

LEMOS, Antonio A. Briquet de; MACEDO, Vera Amália Amarante; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. *Os livros são para ler*: um manual de treinamento para encarregados de pequenas bibliotecas públicas. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1976. 115 p. [Segunda edição: 1977. Terceira edição revista: 1980].

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Educational needs for library management in a developing country. *Studies in Library Management*, London, v. 4, p. 13-25, 1977.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Proposta para criação de um sistema nacional de bibliotecas públicas. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 5, n. 1, p. 25-33, jan./jun. 1977.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. *National interlending systems: a comparative study of existing systems and possible models*. With M. B. Line, S. C. J. Vickers and E. S. Smith. Paris: Unesco, 1978. 280 p.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Não leio, não imagino, trabalho muito. In: ASSEMBLÉIA DAS COMISSÕES PERMANENTES DA FEBAB, 4., São Paulo, 1978. *Anais...* São Paulo: FEBAB, 1978. v. 2, p. 5-21. [Reproduzido, de forma resumida, em: *O Estado de São Paulo*, 7 jan. 1979. Suplemento Cultural, sob o título “A função da biblioteca pública”].

LEMOS, Antonio A. Briquet de. International programmes: impact and implementation in developing countries. In: BURNETT, D.; CUMMING, E. E. (Ed.). *International library and information programme*. London: Library Association, 1979. p. 69-82. [Reproduzido, em português, na Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 201-217, set. 1978].

LEMOS, Antonio A. Briquet de. On the feasibility of processing centres in Brazil. In: RESOURCE SHARING OF LIBRARIES IN DEVELOPING COUNTRIES, 1977, Antwerp. *Proceedings*. Edited by H. D. L. Verliet. Munchen: K. G. Saur, 1979. 286 p. (IFLA Publications, n. 14). p. 99-104.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. A biblioteca pública em face da demanda social brasileira. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 12, n. 3/4, p. 203-210, jul./dez. 1979.b

LEMOS, Antonio A. Briquet de. La DUP (disponibilidad universal de las publicaciones) y Brasil. *Revista de la Unesco de Ciencia de la Información, Bibliotecología y Archivología*, Paris, v. 1, n. 2, p. 82-86, abr./jun. 1979.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Qual a importância da censura nas bibliotecas brasileiras? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10., 1979, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Associação Bibliotecária do Paraná, 1979. v. 3, p. 1158-1161.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. A formação de recursos humanos para melhorar o acesso e a utilização da informação em ciência e tecnologia. In: CONGRESSO REGIONAL DE DOCUMENTAÇÃO DA FID/CLA, 5., 1980, Rio de Janeiro. [Trabalhos apresentados]. [S.l.: s.n.], 1980.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. *Descriptions of interlibrary lending in various countries and a bibliography of interlibrary lending*. With staff of the IFLA Office for International Lending. Boston Spa: IFLA Office for International Lending, 1980. 136 p.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. A transferência de informação entre o Norte e o Sul: utopia ou realidade? *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 300-304, fev. 1981. [Reproduzido em: Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 61-74, mar. 1983].

LEMOS, Antonio A. Briquet de. *BIREME*: a rede latino-americana de informação em ciências de saúde: antecedentes e perspectivas. Com a colaboração de Abraam Sonis. São Paulo: BIREME, 1981. 29 p.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Infra-estrutura da literatura biomédica: considerações acerca de um núcleo de revistas brasileiras do setor saúde. *Educación Médica y Salud*, Washington, v. 15, n. 4, p. 406-423, 1981. [Reproduzido em: Comunicação & Sociedade, São Paulo, v. 4, n. 7, p. 85-100, mar. 1982].

LEMOS, Antonio A. Briquet de. A nova fase de Ciência da Informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 69-70, 1981.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. *A portrait of librarianship in developing societies*. Champaign: Graduate School of Library and Information Science, University of Illinois, 1981. 46 p. (Occasional papers, n. 148). [Reproduzido em: PARKER, J. S. (Ed.). *Information consultants in action*. London: Mansell, 1986. p. 25-74]. Disponível em: <<https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/3806/gslisoccasionalpv00000i00148.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 19 abr. 2013.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Para onde vão as bibliotecas públicas? *Palavra-Chave*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 11-12, maio 1982.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Este livro, 40 anos depois [prefácio]. In: MORAES, Rubens Borba de. *O problema das bibliotecas brasileiras*. 2. ed. Brasília: Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1983. p. 9-12.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Algumas questões, aparentemente relevantes, sobre informação científica em saúde. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 12, n. 1, p. 35-41, jan./jun. 1984.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Análisis de la información científica publicada en el Brasil en cinco años sobre la enfermedad de Chagas, esquistosomiasis, malaria, leishmaniasis y filariasis. Com João A. Costa Lima, Celina M. Schmitt Rosa, Maria H. Piegas, Albaneide Peixinho, André Schmidt e Carlos A. Marcilio de Souza. *Educación Médica y Salud*, Washington, v. 19, n. 2, p. 209-226, 1985.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Planejamento e coordenação da informação científica e tecnológica no Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 15, n. 2, p. 107-115, jul./dez. 1986.

Anexo 2

Traduções de obras técnicas

(ordem cronológica)

FOSKETT, D. J. *Serviço de informação em bibliotecas*. São Paulo: Polígono, 1969. 159 p. [Do inglês].

COLLISON, R. L. Índices e indexação: guia para a indexação de livros e coleções de livros, periódicos, partituras musicais, discos, filmes e outros materiais. São Paulo: Polígono, 1971. 225 p. [Do inglês].

FOSKETT, A. C. *A abordagem temática da informação*. São Paulo: Polígono; Brasília: Editora UnB, 1973. 437 p. [Do inglês].

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS. *Normas para bibliotecas públicas*. São Paulo: Quíron; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1976. 56 p. [Do inglês].

LEVI, Mario Attilio. *Péricles: um homem, um regime, uma cultura*. Brasília: Ed. UnB, 1991. 322 p. [Do italiano].

LANCASTER, F. W. *Indexação e resumos: teoria e prática*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1993. 347 p. [Do inglês. Segunda edição: 2004].

ROWLEY, Jennifer. *Informática para bibliotecas*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1994. 326 p. [Do inglês. Na segunda edição (2002) o título mudou para: A biblioteca eletrônica].

GROGAN, D. *A prática do serviço de referência*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1995. 196 p. [Do inglês].

LANCASTER, F. W. *Avaliação de serviços de bibliotecas*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996. 356 p. [Do inglês].

HARTNESS, Ann. *Brasil: obras de referência 1965-1998: uma bibliografia comentada*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1999. 453 p. [Do inglês].

MEADOWS, A. J. *A comunicação científica*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1999. 268 p. [Do inglês].

ORTEGA Y GASSET, José. *Missão do bibliotecário*. Trad. e posfácio Antonio A. Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2006. 82 p. [Do espanhol].

TAMMARO, Anna Maria; SALARELLI, Alberto. *A biblioteca digital*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2008. 378 p. [Do italiano.]

OLIVER, Chris. *Introdução à RDA: um guia básico*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2011. 153 p.

ACCART, Jean-Philippe. *Serviços de referência: do presencial ao virtual*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2012. 312 p.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECAS. *Diretrizes da IFLA para bibliotecas públicas*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2012. 164 p.

Anexo 3

Edição de texto e anotação

(ordem cronológica)

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008. 635 p.

MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*. 4. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2005. 207 p.

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2006. 259 p. [O trabalho de edição deste texto foi objeto de estudo em tese de doutorado de 2007, ver: SALGADO, Luciana Salazar. A circulação da energia social inscrita na vitalidade dos textos. *Alfa*, revista de linguística, v. 54, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2868/2643>>. Acesso em: 19 abr. 2013].

MORAES, Rubens Borba de. *Testemunha ocular: recordações*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2011. 308 p.

